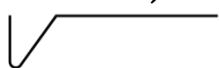


Entre lugares de formação, pesquisa e ensino: entrevista com Bernd Reiter (Tech Texas, EUA)



Ana Gabriela Alves da Costa¹

Demétrio Vieira Cruz²

Flávia Gomes Nozue³

José Lindomar Albuquerque⁴

Julia Troque Torres⁵

Introdução

A entrevista com o professor e pesquisador Bernd Reiter, da Tech Texas University (Estados Unidos), é fruto de um conjunto de atividades que ele realizou em nosso Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

¹ Graduanda do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp- EFLCH) e integrante e social media do grupo de estudos LIMINAR (Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira). E-mail: ana.gabriela18@unifesp.br.

² Mestrando do PPG em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp e integrante do grupo de estudos LIMINAR (Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira). Atualmente é professor da Rede Municipal de Santa Luzia - MA. E-mail: demetriojunnior@hotmail.com.

³ Mestranda do PPG em Ciências Sociais da Unifesp e integrante do grupo de estudos LIMINAR (Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira). Atualmente é coordenadora de projetos de cooperação internacional para a América Latina no escritório regional em São Paulo do Instituto de Educação da Confederação Sindical Alemã DGB - DGB BW, com sede em Düsseldorf/ Alemanha. E-mail: flavia.nozue@unifesp.br.

⁴ Professor de Sociologia dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Coordenador do Grupo de Estudo LIMINAR (Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira). E-mail: jose.lindomar@unifesp.br.

⁵ Graduanda no segundo termo em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP - EFLCH) e integrante e social mídia do grupo LIMINAR (Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira). E-mail: jtorres@unifesp.br.

durante o mês de setembro de 2024. Reiter veio pelo Programa de Especialistas da Fundação Fullbright e ministrou a conferência de abertura do segundo semestre do curso de pós-graduação em 4 de setembro de 2024 com o tema “Descolonizando as Ciências Sociais e as Humanidades”. Ele conduziu um minicurso dividido em três encontros semanais sobre “Descolonização e Democracia” e participou de duas reuniões em conjunto com professores e estudantes de nosso programa, nas quais grupos de pesquisa foram apresentados a suas investigações em curso. O professor Bernd Reiter também participou de uma reunião com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e o setor de internacionalização da universidade para conversar sobre futuras parcerias entre a Tech Texas e a Unifesp.

Além disso, propomos a realização dessa entrevista por integrantes do Laboratório de Investigação em Migração, Nação e Região de Fronteira (Liminar), a fim de deixá-la disponível em formato de vídeo e de podcast nas redes sociais do Liminar. Essa entrevista foi então conduzida por duas estudantes de graduação em Ciências Sociais – Ana Gabriela Alves da Costa e Júlia Troque Torres – e contou com a participação de toda a equipe na preparação do roteiro, no acompanhamento da gravação, na transcrição e na edição do texto final.

O professor Bernd Reiter tem uma trajetória de pesquisa em diversos países e tem demonstrado grande interesse em conhecer outros mundos políticos, sociais e culturais para além da Europa e dos Estados Unidos. Nascido na Alemanha, desde cedo se interessou pela América Latina. Primeiro, por meio de um trabalho social na Colômbia e, depois, pesquisando sobre a problemática racial em território brasileiro e colombiano.

Sua trajetória acadêmica está marcada por muitos deslocamentos espaciais, disciplinares e epistemológicos. Sua formação de graduação e mestrado ocorreu na Alemanha, nas áreas de Antropologia, Sociologia e Estudos da América Latina. Durante esse período de formação, morou por mais de um ano, no início dos anos de 1990, na cidade de Salvador e frequentou disciplinas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), depois residiu novamente durante alguns anos na Bahia, período em que se aprofundou nas discussões em torno das relações raciais no Brasil. Depois, deslocou-se para fazer o doutorado nos Estados Unidos, na City University of New York (CUNY), na área de Ciência Política. Depois do doutorado, passou o ano de 2003 realizando um pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Em seguida, trabalhou como investigador

sênior no Howard Samuels Center da CUNY, em Nova Iorque (2004-2005). Em 2005, ingressou na University of South Florida, onde fez toda sua carreira acadêmica até se tornar professor titular, tendo sido diretor do Institute for the Study of Latin American and the Caribbean (ISLAC) e professor da School of Interdisciplinary Global Studies. Desde 2020, é professor na Tech Texas University.

Durante esse período de mais de duas décadas como pesquisador, tem se dedicado sobretudo ao tema da democracia e realizado diversas pesquisas em diferentes países situados em distintos continentes, como Brasil, Colômbia, Gana, Botsuana, Marrocos, Alemanha, França e Portugal. Nessas viagens, além de realizar pesquisas e oferecer cursos de curta duração, tem procurado estabelecer interlocução com professores, pesquisadores e estudantes desses locais. Tudo isso tem possibilitado refletir sobre a importância de ver a produção da teoria social no mundo inteiro e não somente na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Os países periféricos, na perspectiva de Reiter, não podem ser reduzidos à produção de dados empíricos para a teoria do chamado Norte Global. Para Reiter, o diálogo simétrico entre diferentes pesquisadores, situados em diferentes lugares, é um caminho importante para a ampliação e diversificação das Ciências Sociais e Humanidades.

Em seu percurso de ensino e pesquisa na University of South Florida, que teve início há mais de 15 anos, procurou se aproximar do pensamento decolonial. As salas de aula eram bastante heterogêneas e tinham alunos vindos de várias partes do mundo. Os questionamentos desses estudantes sobre o fato de lerem somente autores europeus e estadunidenses brancos sensibilizou o professor para ampliar seu próprio repertório de leituras e incluir autores e autoras de diversas origens em suas disciplinas. Essa aproximação também possibilitou repensar suas próprias pesquisas empíricas e problematizar todo um conjunto de pressupostos sobre o saber ocidental consagrado. Sua pesquisa que aborda as origens africanas da democracia a partir de Botsuana, na África, busca justamente problematizar a consagrada origem da democracia em Atenas, na Grécia Antiga.

Convidamos o(a) leitor(a) a desfrutar deste diálogo, assim como pensar junto conosco os próprios caminhos do ensino e da pesquisa em Ciências Sociais no sentido de diversificar e ampliar a nossa formação acadêmica e humana.

Julia Torres: Primeiro, nós iremos começar pela formação e experiências internacionais do professor. A gente gostaria de começar esse diálogo te perguntando sobre

o seu processo de formação acadêmica e quais foram as suas pesquisas realizadas até o seu doutorado.

Bernd Reiter: Obrigado pela hospitalidade. Tem sido um prazer estar com vocês aqui em São Paulo, em Guarulhos, na Unifesp. Eu sou alemão, então minha trajetória começa na Alemanha. Sou de um pequeno lugar no interior da Alemanha, e quem é de um pequeno lugar sabe que chega uma hora que tem que sair. Daí eu saí para fazer serviço social na Colômbia. E isso foi um trabalho social que despertou em mim uma curiosidade sobre as questões da América Latina. Na Colômbia mesmo, eu trabalhei metade do tempo com criança de rua e a outra metade no pacífico colombiano, onde há uma predominância muito forte de uma população afrodescendente. Isso me despertou a curiosidade de estudar questões raciais na América Latina. Então, eu ingressei na universidade de Hamburgo, na Alemanha, estudando Sociologia, Antropologia e Estudos da América Latina; e já com ênfase em questões raciais. Eu tenho um mestrado que defendi nos anos de 1990, na Universidade de Hamburgo, sobre as desigualdades raciais no Brasil. Em razão dessa curiosidade acerca das questões raciais, fui estudar na Bahia. Eu falo português hoje porque, em 1992, eu fui estudante visitante na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Antes disso, já vinha para o Brasil para fazer a pesquisa do mestrado. Passei um ano em Salvador, no Centro de Estudos Afro-orientais. Minha primeira iniciação à pesquisa foi mesmo no mestrado, pesquisando questões raciais no Brasil e com interesse um pouco mais amplo na América Latina. Esse é um tema que até hoje me acompanha, então já faz muito tempo.

Julia Torres: Quando nós acessamos suas informações na internet, você se define como um cientista político, mas você tem também um percurso de formação, pesquisa e ensino em outras áreas de conhecimento. Como este diálogo entre diferentes disciplinas têm contribuído para ampliar e diversificar suas abordagens teóricas e metodológicas?

Bernd Reiter: Eu fiz a graduação e o mestrado, como eu já disse, em Sociologia, Antropologia e Estudos da América Latina. Os estudos da América Latina já é uma área interdisciplinar, é o que se chama de um estudo focalizado em uma área e uma região. Esses cursos já englobavam Geografia, História, Ciências Sociais ou Políticas, Sociologia e Antropologia. Já incluíam várias matérias. Isso me deu um pouco de visão das diferentes

disciplinas. E quando fui fazer o doutorado, optei pela Ciéncia Política, porque, logo no inicio, eu criei um interesse pela democracia. A democracia é, até hoje, um tema central do meu trabalho no ensino e em minhas pesquisas; e isso é muito vinculado à Ciéncia Política. Na minha visão, existem pessoas que definem a Ciéncia Política de maneira diferente, mas, para mim, a Ciéncia Política lida com questões da democracia. Isso me levou a fazer o doutorado em Ciéncia Política, em política comparada, em Nova Iorque. Colaborei muito com pessoas que não são de Ciéncia Política. Pessoas vindas da Sociologia, Antropologia e História. Até hoje mantengo com elas uma contribuição meio interdisciplinar.

Julia Torres: Você tem experiências variadas de moradia, trabalho, ensino e pesquisa em diferentes países, como você falou pra gente na nossa primeira pergunta. Então nós gostaríamos de saber o que essas experiências têm contribuído na sua maneira de pensar e praticar a vida acadêmica nos Estados Unidos.

Bernd Reiter: Pois é, isso é verdade. Eu iniciei a minha carreira acadêmica na Alemanha e depois fiz o doutorado nos Estados Unidos, assim como fiz um pós-doutorado em Portugal. Também fiz pesquisa na França e morei na Colômbia, onde depois voltei para fazer pesquisa. Tenho também muitas pesquisas relacionadas à minha vivência no Brasil. Isso faz com que eu tenha, talvez, uma visão não tão nacionalista, talvez, não sei. Não quer dizer que sou cosmopolita, pois eu também sinto falta de um lar, de uma casa, da família... Em termos profissionais, isso certamente abriu meu horizonte para entender as diferentes tradições acadêmicas.

Julia Torres: Você morou e estudou na cidade de Salvador, Bahia, entre 1992 e 1993; e mais recentemente tem realizado pesquisas e ministrado cursos no Brasil. Gostaríamos de saber o que você tem aprendido em suas áreas de interesse de pesquisa com os brasileiros.

Bernd Reiter: Eu fui estudante visitante na Bahia, na UFBA, de 1992 para 1993, como você disse. Depois, eu me mudei e morei lá. Fiquei lá trabalhando e vivendo até 1998, quando eu comecei o doutorado em Nova Iorque. Essa fase que eu passei como estudante na UFBA foi muito importante para mim. Embora essa, talvez, na comparação

internacional, não seja uma universidade super reconhecida, eu aprendi muito e até hoje eu acho que foi uma das épocas mais produtivas da minha aprendizagem, das coisas que eu aprendi. Porque ali eu estava supermotivado e queria mesmo aprender. Eu poderia também escolher, como estudante visitante, as matérias que eu queria estudar; então, não tive que aprender matérias fora do meu interesse e sim sobre o que eu queria fazer. Tive conexões e relações com intelectuais e professores, o que me fez reconhecer que tem gente superpreparada, tanto na academia como fora da academia, no Brasil. Para mim, isso foi uma iniciação a um mundo de conhecimento que tem aqui no Brasil. Isso começou nos anos de 1990.

Julia Torres: Agora, nós vamos mudar um pouco o foco das perguntas e perguntar sobre os seus temas principais de pesquisa. Gostaríamos que você falasse um pouco sobre a temática racial. O que você tem publicado e pesquisado nesses últimos anos?

Bernd Reiter: Durante muitos anos, eu pesquisei questões raciais. O meu primeiro livro se chama *Negotiating democracy in Brazil: the politics of exclusion*. Esse foi o livro que saiu da minha tese de doutorado. Ele foi baseado numa pesquisa com ênfase na discussão racial. Eu entendo que a problemática racial é uma das vertentes mais relevantes de produzir exclusão, marginalização e também privilégio. Eu comecei por aí, pela exclusão, pelo racismo e questões raciais. Depois, até por causa da minha própria posicionalidade naquilo tudo, eu escrevi sobre o que significa ser branco. Hoje existe toda uma produção acadêmica sobre o tema da branquitude, e eu contribuí com essa discussão, publicando vários artigos e capítulos sobre isso. O último trabalho que tenho sobre questões raciais foi um manual chamado *Manual de estudos afro-latino-americanos*. Ele saiu no ano passado (2023) e foi um trabalho editado, com minha participação sendo editor junto ao meu colega da Colômbia. Foi um grande trabalho, porque, na realidade, foi um esforço muito grande em juntar 80 autores, na maioria deles afro-latino-americanos, e produzir artigos e capítulos, no caso, sobre o estado da arte em suas áreas. Nós tivemos trabalhos por temas afro-latino-americanos, por disciplina – na Sociologia, Antropologia e História –, por país e região, por tópicos como escravidão e feminismo negro e também tem uma sessão sobre os pioneiros. Ao todo, 80 autores e 74 capítulos. O livro saiu no ano passado, em inglês, e se chama *Routledge Handbook of Afro-Latin American Studies*. Esse é o último trabalho que tenho. Ganhei um convite para

poder me dedicar a isso. Com isso, eu passei um ano na Universidade de Harvard, no norte do país, pois agora existe um instituto lá chamado Afro-Latin American Research Institute (ALARI). Eles me convidaram para passar um tempo para poder me dedicar e foi, na realidade, um sucesso, porque conseguimos, em pouco tempo, reunir todos esses autores, inclusive com vários autores brasileiros contribuindo. Esse livro saiu em inglês ano passado e já existe a versão em espanhol, e espero que também possa sair uma versão em português em breve. É o último trabalho que tenho.

Ana Gabriela: Você, como cientista político, poderia falar um pouco sobre as origens africanas da democracia, sabendo que hoje em dia predominantemente nós falamos sobre a democracia ocidental?

Bernd Reiter: É um tema de uma pesquisa, um tema também de um livro novo que estou trabalhando com esse título: *As origens africanas da democracia*. Eu tive a sorte de poder passar o verão passado em Botswana, no sul da África, para fazer um pouco de pesquisa de campo, para me familiarizar com as tradições democráticas lá. O argumento que eu quero trazer é que existe uma tradição, muito antiga da espécie humana, até mesmo do *Homo sapiens*, que é se organizar de forma igualitária de tal maneira que não permite hierarquia e domínio. Eu tive que me familiarizar com os trabalhos da Arqueologia, onde até me matriculei como estudante de Arqueologia, para poder acompanhar um pouco essa história. A imagem que eu estou elaborando, que tenho na cabeça, é que a espécie humana surge, mais ou menos, há 200 mil anos atrás, na altura da África do Sul. Em algum momento, os seres humanos começam a se organizar de forma igualitária, não permitindo dominação, não permitindo hierarquia; onde também as mulheres têm uma posição muito semelhante à do homem. Isso predominou na história humana por muito tempo. Quando os seres humanos saem da África, isso há uns 50 mil anos, a maioria deles ainda era caçador e coletor. Eles se organizavam dessa forma, sem permitir essas hierarquias. Eu tento traçar essa forma de organização dos caçadores e coletores do sul da África e tento ver como essas instituições mantêm e asseguram essa forma de ordenação. Com isso, puderam viajar, sair da África para Anatolia e depois para Creta para depois chegar na Grécia. A ideia e o argumento que eu quero trazer é que a democracia não começa na Grécia, porque até hoje o conhecimento tido como normal é o que começa por volta de 500 a.C., em Atenas, com

as reformas de Solón, Clístenes e outras pessoas que ali tinham papel de liderança. Meu argumento é que não. Tem toda uma tradição que veio da África e que acabou influenciando a Grécia. Na realidade, a democracia nasce na África e chega à Grécia com essas instituições políticas carregadas por esses coletores e caçadores. Foi isso que informou Solón, Clístenes e depois Péricles, que foram os reformadores da democracia em Atenas. Esse é um argumento um pouco aventuroso e ainda falta juntar algumas peças para comprovar de forma empírica. Já tenho muitas peças e acho que já dá para fazer esse argumento. É isso que estou trazendo nesse livro que ainda não foi publicado. Ainda é um projeto.

Ana Gabriela: Você realizou uma pesquisa recente sobre as políticas públicas dos indígenas no município pernambucano de Pesqueira. Poderia nos contar brevemente sobre esta pesquisa?

Bernd Reiter: Isso foi em 2022, e eu tive uma oportunidade de me candidatar para ser um pesquisador da Fulbright, uma organização americana que envia pesquisadores para fora dos Estados Unidos. E surgiu essa oportunidade na cidade de Recife, porém o chamado foi sobre políticas públicas, que era específico e vinculado à Fundação Joaquim Nabuco. Como hoje em dia estou interessado na questão da descolonização, procurei um tema no qual eu poderia me animar e me motivar. Assim, fiz a pergunta “qual seria uma política pública indígena? Qual seria o diferencial indígena em uma gestão municipal?”, já que o prefeito eleito da cidade de Pesqueira, no interior de Pernambuco, era indígena; o secretário da cultura, turismo, educação e outros também eram indígenas do povo Xukuru. Eu fui lá e passei um tempo me familiarizando, falando e os entrevistando, inclusive visitando a reserva. Eles têm uma reserva grande do lado do município de Pesqueira. Isso deu um pequeno artigo que eu publiquei na revista *Ciência e Trópico*, que é uma revista mesmo de lá, em português, para que eles também possam ter acesso a essa pesquisa. Foi uma experiência interessante para mim conhecer o povo Xukuru, conhecer Pesqueira, a reserva e tentar descobrir o que seria uma política pública indígena.

Ana Gabriela: Agora, trazendo uma visão mais atual da sua carreira, eu gostaria de perguntar quais pesquisas que você está realizando no momento e quais são os projetos de investigação que você tem em mente para os próximos anos.

Bernd Reiter: Tenho esse livro sobre *As origens africanas da democracia*, que ainda não foi publicado. Eu tenho que voltar a Botsuana para realizar mais entrevistas e conhecer outros lugares, porque, na realidade, Botsuana é uma peça-chave naquela história, já que eles têm uma tradição de assembleias públicas locais. O argumento que eu trago é que quando o igualitarismo dos caçadores e coletores, quando estes começam a se assentar, talvez uma das formas que criaram foi esse sistema de assembleia local pública que ainda tem em Botsuana e tem, na realidade, em muitos países da África, mas em Botsuana funciona muito bem. Então, o projeto que tenho de concreto é de arrecadar dinheiro para poder voltar a Botsuana e completar essa pesquisa. Eu comecei outro trabalho que é sobre o Brasil; eu fico pensando sobre como explicar o Brasil, como entender mais especificamente a questão racial no Brasil. Fiquei muito inspirado por um livro que saiu recentemente, nos Estados Unidos, de uma pesquisadora e intelectual pública chamada Isabel Wilkerson. Seu livro *Castas: as origens de nosso descontentamento*, se transformou em um filme chamado *Origin: Desigualdade e Preconceito*. Esse filme, de Ava DuVernay, é sobre o processo de realização do livro de Isabel Wilkerson. Fiquei impactado com aquilo e surpreendido, porque, nos Estados Unidos, pensamos que a questão racial já está muito bem explicada. Porém, de repente, vem alguém escrevendo um livro no qual aprendemos novas facetas sobre como funciona a questão racial nos Estados Unidos. A pergunta que eu me faço é: “será que esse conceito de casta também ajuda a entender o Brasil, ou então a América Latina?”. Assim, estou me debruçando um pouco sobre alguns clássicos do Brasil. Estou relendo Raymundo Faoro, Florestan Fernandes e outras produções um pouco mais antigas, para ver se eu consigo contribuir com essa discussão de como explicar bem a questão brasileira de exclusão, desigualdade e hierarquia, principalmente em meio à questão racial. São esses dois projetos que tenho até o momento.

Ana Gabriela: Eu gostaria de perguntar quando e como você se aproximou das discussões decoloniais em sua trajetória acadêmica e o que tem mudado em sua forma de ensinar e pesquisar a partir de então.

Bernd Reiter: A questão decolonial, para mim, surge em sala de aula. Eu estava há 15 anos na Universidade do Sul da Flórida, onde os alunos eram muito diversos, vindos de

muitos países. Eu dava aula sobre questões de ideologias de autores clássicos, introdução à ciência política e política comparada, porém os alunos começaram a reclamar dizendo que só liam autores da Alemanha, Inglaterra, França e dos Estados Unidos. Eles eram, muitos deles, do Oriente Médio, da África, da Ásia; e havia essa dúvida do porquê não teria livros desses continentes e por que a maioria dos livros são de Max Weber, Foucault e Bourdieu, todos europeus. Isso me criou uma curiosidade também, e comecei a questionar sobre todos os livros importantes e canônicos, todas as teorias, e vi que vinham de um grupo muito restrito de países e de intelectuais. Adicionando a isso também, eu tive uma experiência de viajar para muito longe, inclusive ao Brasil, que, para mim, é uma viagem sempre cansativa e longa, para participar de conferência na qual alguém faz uma palestra e explica para mim Max Weber. Eu não preciso viajar para o Brasil para que alguém me explique Max Weber, porque sou alemão e Weber era alemão, eu posso aprender isso na Alemanha e aprendi lá. Essas experiências me levaram a pensar sobre isso. E, nessa altura eu me tornei diretor de um instituto da América Latina e Caribe, na Universidade do Sul da Flórida. Isso me permitiu possibilidades, já que eu tinha uma verba para organizar conferências. Eu decidi então começar a convidar outras pessoas, não sempre os mesmos. Logo convidei pessoas afrodescendentes, pessoas indígenas para termos outras participações nas conferências, enquanto participantes e palestrantes. Eu tive também a ideia de lançar uma coleção, com uma série de livros, chamada “Descolonizando os clássicos”, porque a crítica, a gente já sabe, tem que descolonizar, no entanto, pensei além da crítica, vamos trazer ativamente clássicos do Sul Global, traduzir e inserir em aulas para que possam ser utilizados. Estamos, justamente agora, falando sobre a possibilidade de traduzir outro autor brasileiro para incluí-lo nessa série, o sociólogo Guerreiro Ramos. Na sala de aula, estou tentando incluir livros de teóricos e autores do Sul Global de forma mais consciente, incluir mais mulheres, incluir mais mulheres negras, mais vozes indígenas e romper com essa divisão de trabalho tradicional, porque a teoria vem do norte e a aplicação é no sul, então reverter um pouco e trazer teoria do Sul Global.

Julia Torres: Como você tem problematizado seus privilégios como homem branco, com dupla cidadania alemã e estadunidense, professor universitário nos Estados Unidos e com fácil mobilidade internacional? Quais são os desafios e dificuldades que você

tem enfrentado para compreender as experiências daqueles e daquelas que se encontram em condições de vida muito diferentes da sua?

Bernd Reiter: Eu acho que o primeiro passo, para mim, é reconhecer que eu tenho um privilégio, até por ser homem, por ser branco, também pela nacionalidade, as pessoas aqui gostam de alemães. Eu reconheço esse privilégio, ainda mais em contraste com quem não tem. Para mim, o primeiro passo é reconhecer e pensar o que significa e como posso lidar com isso. Uma das formas que encontrei foi trabalhar em equipe. Se eu faço pesquisa em um local, procuro trabalhar com pesquisadores locais. Eu tenho colaborado muito com mulheres negras quando trabalho sobre questões raciais, porque eu sei que elas têm um outro acesso, uma outra ótica, um outro ângulo de aproximação temática. Então, primeiro, é reconhecer que tenho esse privilégio, que tenho uma certa percepção de mim, pensar sobre o que implica isso para depois procurar formas de mitigar, de lidar com isso, que foi, para mim, colaborando com pesquisadoras negras, no caso das pesquisas sobre questões raciais locais. Tem uma outra questão importante, para mim, que tem a ver em ser alemão. Eu sou de uma geração da Alemanha criada no pós-guerra. A Segunda Guerra Mundial, para mim, não foi muito distante. Todos os meus avós estavam implicados na guerra e meus pais nasceram nessa época. Eu sei, por experiência vivida e própria, que levantar a voz contra o racismo, contra o chauvinismo, contra o colonialismo é um dever de todos, não é só das vítimas. Então, para mim, sempre tem sido muito importante fazer isso. E acho que falar e levantar a voz contra o racismo não é só a tarefa dos excluídos, dos afrodescendentes, dos indígenas, é também daqueles que se beneficiam individualmente dessa questão. Enquanto alemão, isso fica muito claro. No nosso caso, o holocausto, 6 milhões de judeus mortos pelo regime nazista, argumentar e organizar contra isso não é só a tarefa das vítimas; é a tarefa de todo mundo, porque é uma questão de direitos humanos. Todo mundo tem que estar investido, na minha visão, contra a exclusão, contra o racismo, contra a discriminação de gênero, de sexualidade, de identidades específicas. São essas três coisas que, para mim, são importantes.

Ana Gabriela: Professor, gostaria de perguntar quais alternativas metodológicas têm sido construídas nas Ciências Sociais a partir de perspectivas decoloniais e como

responder às críticas que classificam estas abordagens decoloniais como uma moda acadêmica ou um discurso militante sem base científica.

Bernd Reiter: Tem uma metodologia que surge na América do Sul, surge da Colômbia. Orlando Fals Borda é o criador da Participative Action Research (PAC), uma agenda interativa de pesquisa. Ele recebe um certo reconhecimento. Essa é uma perspectiva que se desenvolve na América do Sul e se aplica hoje e tem um grande potencial. É uma metodologia que surge no Sul e que procura romper essa divisão do objeto de pesquisa entre as pessoas pesquisadas e o pesquisador. Procura formas de igualar essa situação de poder, que é alguém entrevistando outra pessoa e dar um papel mais ativo à pessoa pesquisada e entrevistada, inclusive na formulação de perguntas. Isso vem se aplicado em certas situações, por exemplo, em grupos indígenas já muito pesquisados, como, por exemplo, os zapatistas no México. Eles, hoje, têm um conselho que não permite mais que qualquer pessoa chegue lá porque está na moda, faça uma pesquisa e depois vai embora, não deixando nada e não interessando a eles essa pesquisa. A compreensão que eles claramente procuram é que se não nos interessa, se não traz benefício para nós, os que são pesquisados, a gente não vai apoiar. Acho que a gente está nesse processo de reflexão de como podemos fazer uma pesquisa melhor. Na minha visão, isso não é moda, isso é quebrar algumas tradições que são altamente enviesadas com peso colonial, porque as pesquisas tradicionais eram homens, europeus, brancos e foram realizadas, muitas vezes, com muita violência, simbólica e real, contra os objetos de pesquisa, explorando-os. A gente tem um legado que é pesado. Torna-se importante trabalhar para que a pesquisa seja mais democrática, mais justa e que tenha mais benefício mútuo. Se essa é uma moda, então não entendo bem a moda, porque acho que a gente tem que se livrar de um legado colonial pesadíssimo e temos que fazer melhor. Eu tenho umas críticas, por exemplo, do feminismo americano, que diz que temos que criar uma objetividade melhor, fazer uma pesquisa melhor, livrar-nos desse peso, porque esse peso faz que aquilo que foi encontrado foi muito influenciado por quem fez a pesquisa. Muito daquilo que a gente tem como verdade objetiva não é nem verdade nem objetiva. Então, acho que a expectativa é fazer melhor. A gente está no processo de sermos melhores pesquisadores, melhores cientistas sociais, poder explicar melhor as realidades, seja intergrupais ou seja de conflitos no mundo. Isso é, na realidade, uma temática da ciência desde sempre; melhorar, fazer melhor. Não é moda, só

que demorou muito para reconhecer as limitações impostas por essas tradições. Por exemplo, nunca nenhum desses homens que faziam pesquisas achavam que a sua visão era limitada. Eles achavam que eles tinham acesso a tudo, entendiam tudo, podiam explicar tudo. A gente sabe, hoje, que não é verdade. Tinha muita coisa que eles não tinham acesso, que eles não entendiam, que eles não compreendiam, e, então, o trabalho deles não é bom. A gente tem que fazer um bom trabalho, melhorar. Não é uma questão de moda, é uma questão mesmo de se livrar de influências que acabam distorcendo o que a gente encontra. Muito do que a gente, hoje, tem como verdade, como fatos, é distorcido. Distorcida por uma ótica masculina de poder, que é eurocêntrica. Isso não é bom. O que eles encontraram não é objetivo. Então, estamos tentando ser mais objetivos e se livrar dessas influências negativas na pesquisa.

Ana Gabriela: Nós temos visto no seu currículo acadêmico que você vem estudando sobre a reforma de ensino e sobre o tema da educação também. E nós gostaríamos de entender um pouco sobre uma possível mudança de conteúdo dentro do âmbito da educação na forma de ensinar dentro da escola e da universidade, visando à construção de uma educação decolonial, antirracista e não eurocêntrica. E quais exemplos de experiências educacionais que apontam nessa direção você conhece e que poderia nos relatar?

Bernd Reiter: Bom, isso é uma temática difícil, porque bons exemplos... Acho que tem várias tentativas. Eu tive um colega, Gustavo Esteva, no México, que faleceu não faz muito tempo, que foi o fundador de um lugar chamado Universidad de la Tierra. Tem, hoje, várias tentativas parecidas de criar outro currículo. No Brasil, não sei muito bem. Eu sei que tem, mas não estou muito familiarizado com essas tentativas. Eu sei que nós temos um legado complicado, ainda mais complicado para vocês que estão aqui no Brasil, porque é importante que se reconheça o pensamento daqui e que esse pensamento possa contribuir na formação, que possa ser reconhecido, o que passa também por uma política de idiomas. Eu sei também que a educação tende a favorecer aqueles que já são favorecidos na sociedade, ou seja, quem já é privilegiado, porque tem dinheiro, tende a ter acesso a uma melhor educação. E aquele que não tem recebe uma pior educação. Acho que é uma tendência mundial pesada. Acho que isso requer repensar a política da educação, para que

aquela pessoa que precise mais apoio receba mais apoio, e aquele que já tem privilégio não acumule mais privilégio na educação. Agora, essas são questões bem complicadas, políticas, que fogem um pouco do meu alcance. Como educador, como professor, eu procuro fazer alianças, apoiar aquelas iniciativas onde vejo que há tentativas sérias de ampliar o conceito de quais são as obras canônicas, quem são os pensadores importantes. Eu acho que, por exemplo, toda a produção intelectual da África é extremamente negligenciada. Acho que temos que ter muita consciência de que há uma produção intelectual importantíssima que sai da África, de diferentes países. Seria bom se eu tivesse muitos exemplos para te dar onde isso está funcionando superbem. Tem algumas iniciativas, como disse, na Universidad de la Tierra, no México. Não sei como é aqui. Eu sei que, na época em que eu fiz pesquisa no Brasil, acho que faz muito tempo, mas eu fiz uma pesquisa sobre a reforma do ensino fundamental na Bahia. Das escolas que observei, havia uma dentro de um candomblé. É um candomblé famoso, o Axé Opô Afonjá, conhecido como Engenho Velho. Eles tinham, dentro do território, uma escola municipal e eles aplicavam, naquela época, um currículo diferenciado, baseado em valores da África, a África Ocidental Iorubá. Essa influência é por causa do vínculo que existia com aquele candomblé. Então, acho que são experiências interessantes que merecem ser realçadas e apoiadas. Em Pesqueira, há também a tentativa do Thiago, uma pessoa que está de secretário municipal, que tenta recriar a forma como o ensino trata e representa os indígenas nesse país, que é uma forma muito negativa, péssima, na verdade. Acho que são essas tentativas que a gente tem que reconhecer, apoiar e realçar.

Ana Gabriela e Julia Torres: Muito obrigada.